

Ideologia e terror: a configuração do totalitarismo em Hannah Arendt

Edilene Maria da Conceição – IPTAN/UNIPAC

Especialista em Filosofia Contemporânea pela Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ

E-mail: edilmc@mgconecta.com.br

Fone: 3373-2287

Data da recepção: 04/09/2007

Data da aprovação: 17/06/2008

RESUMO: No pensamento arendtiano o totalitarismo é um fenômeno novo que não se confunde com nenhuma tirania ou despotismo histórico, fundamentado-se em duas estruturas: a ideologia e o terror e os trazendo para o terreno institucional. Através do “Domínio Total”, o totalitarismo intensifica a idéia de poder dentro da sociedade. Portanto, o presente artigo considera importante e fundamental entender como Arendt descreve a questão da junção entre ideologia e terror e as possibilidades criadas para a constituição de um novo Estado: o totalitário. Este se desenvolverá em três partes: a definição de totalitarismo, a relação entre ideologia e terror e a constituição de uma nova instituição política. Acreditava Arendt que o totalitarismo, usando o terror e a propaganda ideológica, é capaz de isolar os indivíduos, descaracterizando-os e destruindo seu espaço público e sua liberdade.

Palavras-chave: Totalitarismo - Ideologia - Terror - Domínio Total - Espaço Público.

1- Introdução

Para Hannah Arendt o totalitarismo se instaurou como um regime político inteiramente novo diferente de toda a tradição política ocidental fundamentando-se em duas estruturas: a ideologia e o terror.

Os governos totalitários fundamentam-se na ideologia do domínio total através do terror, longe de qualquer humanidade e de sua racionalidade. Sistematizam a violência de forma burocrática e desenraizam inteiramente o homem da sua própria realidade e humanidade. Trazem o terror para o terreno da instituição de forma administrativa e lógica.

Como ideologia e terror caminharam juntas na constituição de corpos políticos tão novos? Como se fundamentou no totalitarismo arendtiano a idéia de que "tudo é possível?"

Para Arendt, o Estado totalitário é um fenômeno novo que não se confunde com nenhuma tirania ou despotismo. Apóia-se em estruturas como a ideologia e o terror para institucionalizar-se e reenquadrar os indivíduos numa nova visão de mundo criando novas identidades. Através do Domínio Total produziu a idéia de poder e sociedade.

Portanto, torna-se importante e fundamental entender como Arendt descreveu a questão da junção entre ideologia e terror e as possibilidades criadas para a constituição de um novo Estado: o totalitário.

Tendo como base *As origens do Totalitarismo* (1989), o

presente trabalho se desenvolverá em três partes: a primeira na definição de totalitarismo em Arendt, no segundo momento a definição de ideologia e terror e, por fim, a constituição dessa nova instituição política, o totalitarismo, através da ideologia e do terror.

2- Totalitarismo: uma nova instituição política

O Estado totalitário é um fenômeno novo que não se confunde com nenhum despotismo ou tirania. A natureza antiutilitária em sua estrutura governamental pôs em xeque as categorias utilitárias do pensamento político Ocidental e criou uma nova concepção de governo, porque a política totalitária destruiu o fundamento da teoria política e rompeu com toda essência de governo que se orienta entre aquilo que pode ser legal e o que pode ser ilegal, o poder arbitrário e o poder legítimo. Isso acontece porque, na concepção de Hannah Arendt (1989, p. 514),

A política totalitária não substitui um conjunto de leis por outro, não estabelece o seu próprio *consensus iuris*, não cria, através de uma revolução, uma nova forma de legalidade. O seu desafio a todas as leis positivas, inclusive às que ela mesma formula, implica a crença de que pode dispensar qualquer *consensus iuris* e ainda assim não resvalar para o estado tirânico da ilegalidade, da arbitrariedade e do medo. Pode dispensar o *consensus iuris* porque promete libertar o cumprimento da lei de todo ato ou desejo humano; e promete a justiça na terra

porque afirma tornar a humanidade à encarnação da lei.

O totalitarismo desafia todas as leis positivas, mas não se fundamenta sem a orientação de uma lei, nem é arbitrário, pois obedece às leis da Natureza ou da História que acredita ser a origem de todas as leis. Não pode ser considerado ilegal, pois obedece à forma superior de legitimidade: a lei da justiça na terra. Executa a lei da natureza sem critérios de certo ou errado. "Aplica a lei diretamente à humanidade, sem atender à conduta dos homens". (ARENDR, 1989, p. 515), Portanto, o totalitarismo dispensa qualquer *consensus htris sern* cair na ilegalidade de um estado tirânico. Nesse estado, o homem é identificado com a própria lei, eliminando qualquer ilegalidade ou injustiça.

Na visão do totalitarismo todas as leis se tornam leis de movimento, ao contrário das leis positivas que sempre se mostraram permanentes e eternas. As leis da natureza se tornam movimento na medida em que se tornam dinâmicas como o tempo histórico. A política totalitária interpreta todas as leis como se fossem leis de movimentos que, ao serem aplicadas, destroem a espontaneidade da vida de cada homem.

3- Terror e ideologia: definições

E o que é o terror? É a possibilidade de realização da lei do movimento. É a possibilidade de converter em realidade essa lei do movimento Histórico e da Natureza. É a Lei Total, porque independe de qualquer oposição, sem barreiras que impeçam seu caminho.

O terror, enquanto expressão e executor da lei de movimento é o fabricante de uma humanidade incapaz de agir e de pensar na própria urgência de viver na comunidade política. E, ao fabricar essa nova humanidade incapaz, o governo totalitário está destruindo a possibilidade do homem ser a encarnação viva da lei, porque tal homem continuará separado da autoridade que exige consentimento e obediência da lei.

O terror estabiliza os homens e impede o estabelecimento de qualquer comunicação entre eles. O terror elimina a dimensão individual do homem e o insere na humanidade.

Elimina os indivíduos e cria o todo. Pressionando os homens uns contra os outros, destrói o espaço entre eles. Arendt (1989, p. 518) coloca que:

Em lugar das fronteiras e dos canais de comunicação entre os homens individuais, constrói um cinturão de ferro que os cinge

de tal forma que é como se a sua pluralidade se dissolvesse em Um- Só- Homem de dimensões gigantescas. (...) destrói também o deserto sem cercas e sem lei, deserto da suspeita e do medo que a tirania deixa atrás de si.

O terror, portanto elimina todo o processo de liberdade, isto é, a própria fonte de liberdade que está no nascimento do homem e na sua capacidade de começar algo novo. O terror total é a força motriz que elimina a capacidade do homem para a palavra e a ação, pois no sistema de governo totalitário não deve existir canal de comunicação entre os homens porque, com a comunicação, os organismos políticos criam condições de diversidade e pluralidade para a palavra e a ação humanas que dificultam a concretização da política totalitária, cuja meta é dissolver ou diluir os homens em "*Um-Só-Homem de Dimensões Gigantescas*". Essa diluição rompe com os espaços políticos entre os homens e os torna marionetes; ela erradica dos seus corações o amor à liberdade – que é simplesmente a capacidade de agir (ARENDR, 1989, p. 518).

O terror totalitário elimina a liberdade em seu sentido específico e em sua fonte, que está no nascimento, na sua capacidade de começar de novo. A liberdade é a capacidade de começar e, como realidade política, equivale a um espaço entre os homens. A capacidade de começar de novo é um dom que o homem recebe e é, segundo Arendt, idêntico à liberdade. O totalitarismo aniquila a liberdade humana e a sua capacidade de

começar de novo, mas essa mesma capacidade possui dentro de si o poder de começar algo sucessivamente (ABENSOUR, 1989, p. 165): "O milagre da liberdade reside no poder de começar, que por seu turno reside no fato de que cada homem, tendo em vista que pelo nascimento vem a um mundo que já existia antes e vai continuar depois de sua morte, é ele mesmo um novo começo".

O terror não é suficiente para guiar o comportamento humano. Nem o medo é capaz de conduzir os homens, porque o terror escolhe suas vítimas de forma aleatória, independente de ações individuais, somente segundo a necessidade processual da lei de Natureza ou Lei da História. Cada indivíduo tem que assumir o seu papel de carrasco ou de vítima. E quem realiza esse princípio de posição e ação é a ideologia.

As potencialidades das ideologias se tornaram extremamente úteis para o governo totalitário. A ideologia é de caráter científico, sustenta seu imaginário teórico com atitude científica, com resultados de importância filosófica e tem a pretensão de ser uma filosofia científica. A palavra ideologia significa, literalmente, a lógica de uma idéia, e a história é o seu objeto de estudo, no qual se aplica a "idéia" aos resultados de um processo em constante mudança para se ter uma base lógica dos acontecimentos – pela possibilidade de mapear e revelar os mistérios de todo processo histórico, como os seus segredos passados, as suas complexidades e incertezas do futuro, num conjunto harmonioso de idéias lógicas. (ARENDR, 1989, p. 520).

Ideologia é a "lógica da idéia" que tem como objeto de estudo a História. Trata o curso dos acontecimentos dentro da mesma lógica inerente de suas idéias. Portanto, segue a lei do movimento, do vir-a-ser, da lógica dialética da tese, antítese e síntese, desaparecendo com qualquer possibilidade de incoerência ou contradição factual. Sua lógica impossibilita qualquer contradição. É inerente a seu próprio movimento de dedução lógica. Elimina a liberdade do pensamento para se acercar de lógica e coerência.

As ideologias impossibilitam qualquer experiência do aprender o novo. Não analisa o que é, e sim o que vem a ser. Não têm o poder de transformar a realidade, mas arrumar os fatos para seguir um processo absolutamente lógico, "age com uma coerência que não existe em parte alguma no terreno da realidade" (ARENDR, 1989, p. 523). Essa lógica é persuasiva, simples e imperceptível, guia as ações dos homens, fortalece a estrutura dos movimentos e dos governos totalitários. A força coercitiva de seus argumentos se dá pelo pavor à contradição do homem. É criada, portanto, a tirania da lógica que submete a mente a um processo contínuo. Cita Arendt (1989, p. 525): "se te recusas, te contradizes e, com essa contradição toda a tua vida perde o sentido; pois o A que pronunciaste domina toda a tua vida através das conseqüências de B e de C que se lhe seguem logicamente".

4- Terror e ideologia: bases do totalitarismo.

Tanto a força coercitiva da lógica, quanto o terror impedem que o nascimento de cada ser humano dê origem a um novo começo, e que comece a pensar. O pensamento, para Arendt, é a mais livre e a mais pura das atividades humanas. Ao inserir o homem na lógica do movimento da História ou da Natureza, massifica-se e cria um isolamento contra todos os outros homens, levando-o à perda da capacidade de sentir e pensar. O terror reina sobre homens que se isolam uns contra os outros. Coloca Arendt (1989, p. 527),

Toda esfera da vida privada, juntamente com a capacidade de sentir, de inventar e de pensar, permanece intacta. Sabemos que o cinturão de ferro do terror total elimina o espaço para essa vida privada, e que a autocoerção da lógica totalitária destrói a capacidade humana de sentir e pensar tão seguramente como destrói a capacidade de agir.

Aqui surge a grande novidade totalitária para Arendt, a formação de um governo cuja essência é o terror e cujo princípio de ação é a lógica do pensamento ideológico. Ao isolar o homem, o terror tira do homem o seu lugar no terreno político da ação abandonando-o no mundo das coisas, massificando-o. Aqui o isolamento se torna solidão. A solidão ultrapassa o terreno político da vida, abrange a vida humana como um todo. Ela destrói a esfera da vida pública, as capacidades políticas humanas e destrói a esfera privada,

tirando do homem a possibilidade de pertencer ao mundo, desarraigando-o. Este, portanto, perde a noção do próprio eu e do mundo além da capacidade de pensar e sentir ao mesmo tempo.

5- Considerações finais

Pode-se perceber em "Origens do Totalitarismo" o grande enfoque dado aos instrumentos ideológicos de terror e violência que desencadearam um processo de isolamento e solidão entre os homens. Na abordagem do totalitarismo, Arendt demonstrou uma grande preocupação com o uso que ele faz da propaganda, da ideologia que dissemina o terror e distorce a verdade factual.

Sua tese central é que o totalitarismo é uma forma política radicalmente nova e, na essência, diferente das outras formas historicamente comparáveis de poder pessoal: o despotismo, a tirania, a ditadura. Onde se implantou, o totalitarismo destruiu todas as tradições sociais, políticas e jurídicas, substituindo-as por formas completamente novas. Um dos resultados dessa operação é a criação da sociedade de massas, que transforma as populações em multidões de indivíduos intercambiáveis; os partidos são substituídos por movimentos de massas; a subordinação política das pessoas amplia-se até a invasão da esfera privada; o centro do poder é transferido para a polícia e o exército.

Acreditava Arendt que o totalitarismo é capaz de isolar os indivíduos dos outros, deformando sua natureza humana,

levando-os à solidão suprema e à impossibilidade do uso da palavra e da ação política. Usando o medo, o terror, a coerção, a propaganda ideológica, o totalitarismo é capaz de obter a conformidade dos comportamentos e o posicionamento passivo, além da alienação total dos indivíduos. Estes perdem sua identidade cultural e religiosa e se descaracterizam. O isolamento criado destrói a capacidade política dos homens de agir, desenraiza e desagrega suas vidas privadas e públicas. O isolamento não permite a coexistência dos homens, isolando-os. O totalitarismo usa da violência para destruir o espaço público, destruindo também a liberdade, rompe, portanto, com a relação que os une.

Para Arendt, o totalitarismo sempre usa da mentira para manter-se no poder e essa leva os indivíduos à perda do senso político, da liberdade autêntica. A propaganda utilizada, baseada em ideologias próprias, impede os indivíduos de romper com as relações do real e de possibilitar uma inserção no mundo político. Arendt acreditava que a palavra leva os homens a se apropriarem do mundo e saírem da condição de alienação. Também, a ação permite ao indivíduo um renascer constante. Ação e nascimento estão intimamente ligados.

O homem é um ser através do qual algo novo pode começar. Ser humano e ser livre é a mesma coisa. E, todo novo começo é, para Arendt, um milagre. Milagre é a palavra que ela usa constantemente para compreender a possibilidade de sempre existir um novo começo na história; a possibilidade de superar os limites da violência e do isolamento.

Referências

- ABENSOUR. *Ontologie et politique*. Paris: Tierce, 1989.
ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Robert Raposo. 4 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

Ideology and terror: the configuration of totalitarianism in Hanna Arendt

Abstract

Totalitarianism is a new phenomenon that refuses any identification with tyranny or historical despotism, according to Arendt's thought. It is based on two structures - ideology and terror – that have been brought into the institutional field. Totalitarianism intensifies the idea of power in society through the concept of Total Dominion. Thus, this paper considers it important and fundamental to understand the way Arendt describes the connection between ideology and terror, and the possibilities that have been created in order to constitute a new State: The totalitarian one. The paper will be developed in three parts: totalitarianism's definition, the relationship between ideology and terror, and the constitution of a new political institution. Arendt believed that totalitarianism was able to separate individuals by means of the use of terror and ideological advertising, thus uncharacterizing them and destroying their public space and freedom.

Keywords: Totalitarianism – ideology – terror – total dominion – public space